

CENTENARIO
DO
MARQUEZ DE POMBAL

CENTENARIO

MARQUESE DE TOMBAI

RUY BARBOSA

CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

DISCURSO

Pronunciado a 8 de Maio de 1882

POR PARTE DO

CLUB DE REGATAS GUANABARENSE

NO

IMPERIAL THEATRO PEDRO II

EDIÇÃO ESPECIAL

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, RUA D'OUVIDOR 31

1882

62



MINHAS SENHORAS

MEUS SENHORES



ODAS as notas da elegia das afflicções humanas soluçam no quadro de suprema angustia, que, n'um dia inolvidavel, apavorou, ha cento e vinte sete annos, essa gloriosa extrema européa dos Lusiadas,

« Onde a terra se acaba, e o mar começa. » (1)

Esse largo sorriso, azul como a onda jonia, da Europa ao Oceano, deslizado em curvas graciosas á foz sussurrante do Tejo, annegra-se e contrae-se n'uma ex-

(1) CAMÕES LUS. III, xx.

pressão de inenarravel desespero. Era a manhã de Todos os Santos, em 1755. Uma convulsão atroz agita a soberba cidade em violentas contorsões. O solo desloca-se, gemendo, nos espasmos de um phenomeno assombroso, cujo circulo de oscillações estende-se de Dantzig a Marrocos, da Inglaterra a Madrid, enturgesce as caldas de Pöplitz na Bohemia, turva, na Escosia, as aguas do lago Lhomond, revolve o Mediterraneo nas costas da Berbéria, encapella as meigas enseadas da Madeira, e, transpondo, n'uma repercussão espantosa, o Atlantico, vem, do outro lado, echoar nas Antilhas o ulular longinquo da catastrophe.

Dir-se-hia que « essa trombeta de horrendas maldições », em que falla Shakespeare, estrugindo das collinas desvairadas do glorioso rio do Gama, convoca os dois continentes ao sagrado horror do inaudito cataclysmo.

A cabeça da grande Lusitania vacilla,

como se a embriaguez do mysticismo devoto a sacudisse no delirio de uma visãõ de Apocalypse. As abobadas dos templos confundem sob as mesmas ruinas as imagens e os crentes, a hostia e os levitas, o sangue dos fieis e o da victima incruenta; as ruas sulcam-se em abysmos; os palacios desabam tropejando; a casaria, esboroando-se n'uma successãõ infinita de fragores indiziveis, desaparece na voragem, na confusãõ e no incendio, que açoitã com as azas rutilantes as trevas desse circulo dantesco.

De um lado, as chammas parecem destinadas a fundir a antiga capital do occidente, como o fogo macedonio amalgamara outr'ora n'um metal unico o oiro, a prata e o bronze das estatuas de Corintho; do outro, quinze metros acima das mais altas marés, a enchente, instantanea, minaz, chaotica, infernal, abysmanavios e navios em repentinos sorvedouros, engole em cada assalto milhares e milhares de homens.

Quatro vezes a allucinada vaga humana desaparece entre a vaga marinha e a vaga terrestre, que n'alguns minutos devoram doze mil almas; enquanto a viuvez, a orphandade, a miseria, e o crime se levantam por entre os esqueletos hirtos das casas alluidas; enquanto o infortunio universal liberta os forçados e os escravos, creaturas e victimas de uma ordem social gangrenada até ao coração; enquanto o assassinio, a prostituição e o roubo lace-ram as entranhas e disputam os restos da cidade violada e delirante. No meio desse conflicto gigantesco de todos os elementos e de todos os terrores; entre essa lucha de todas as tempestades da natureza com todas as desgraças do destino humano; sob um céu que atormenta forra do chumbo das suas nuvens contra as lagrimas da terra; quando o dia foge, e o chão falta debaixo dos pés; quando a opulencia desaparece, esmigalhada, enla-meada, calcinada, pelas fendas do solo;

quando a razão se apaga em todos os espiritos; quando a loucura do medo enche o vazio deixado pela intelligencia ausente, — de sobre essa immensa superficie devastada uma individualidade se levanta, exprimindo a luz, a calma, a força, a soberania da consciencia do homem, erecta, augusta, salvadora. Tal imperturbavelmente immovel, atravez da noite, sobre a cratera accesa do Hecla solitario, quando a lava entornada queima de redor os campos, e destróe ao longe os ultimos vestigios da vida, a incommensuravel columna de fogo que se alonga para os céos, indifferente aos mais rispídos ventos, em quanto o bramido formidavel do phenomeno subterraneo parece ameaçar a subversão do mundo.

Durante mezes trepida ainda o chão; mas ao marquez de Pombal o animo não titubêa nunca. O povo, a nobreza, a côrte, refugiam-se nos suburbios; desamparam os lares; acampam em barracas; porque cada

rua é uma valla, cada vivenda um sepulchro hiante, cada tecto a loisa imminente de um tumulo. Mas a sege do ministro de ferro, seu domicilio, sua tenda, sua secretaría durante a semana terrivel, só não está, onde não esteja o perigo. O rei, em desalento, escreve a sua irmã, a rainha de Hespanha : « Eis onde me paro, monarcha sem capital, sem subditos, sem vestidos. » (1)

Mas o inalteravel secretario, colosso impassivel da justiça e da reparação entre as ruinas, promette a si mesmo, entre a devastação geral, multiplicar-lhe a riqueza perdida, restituir-lhe a nação alienada por oppressões corruptoras, reintegrar-lhe a auctoridade de um sceptro que D. João III abdicara nas mãos de uma influencia ominosa. A fabula grega representava arfantes debaixo das raizes do Etna, sob o granito das montanhas incendiadas, os filhos enormes do Ceo e da Terra, acommettedores do

(1) LORD MAHON: *History of England*. (Tauchnitz ed.) Vol. IV, pag. 63.

deus dos deuses : dir-se-hia que, para primeiro operario na debellação dos numes falsos do novo paganismo, o terremoto viera desentranhar do seio mysterioso do planeta o braço de uma dessas potencias fulminadas pela usurpação antiga, a alma de um Titão.

A conflagração evoca, e revela magicamente o heróe. Nada lhe escapa á mão de aço, á providencia omniparente, ao genio que reviveu Lisboa, cuja reconstrucção parecia impossivel ao embaixador francez. Centenas de decretos, em poucos dias, lhe borbotam da mente. Sepulta os mortos; accode aos feridos; leva o conforto aos agonisantes; improvisa hospitaes; alberga os desabrigados; concentra, e prepara para a repressão as forças militares; congrega, e divide em districtos os magistrados; pune os perversos com a severidade inexoravel imposta pela occasião; impede a deserção da cidade pelo povo; dá pão aos famintos; veda os monopolios; obriga ao

trabalho os ociosos; atalha a sahida aos viveres; cria celeiros; recolhe as preciosidades dispersas; evita a infecção pestilenta; defende o littoral contra os piratas argelinos; reimplanta a confiança nos animos espavoridos. Daquelle mundo, que figurava desabar, aquelle homem, aquella personalidade só, foi o eixo, a força equilibrante: sua razão e sua energia eram os polos da nova ordem, que se ia levantar sobre as ruinas. Fossem quaes fossem depois os seus erros, ainda quando a sua gloria se resumisse nessa pagina, os milagres operados ao seu aceno naquella crise, as calamidades incomparaveis que prevenio, o anniquilamento que obstou, o oceano de lagrimas que soube enxugar bastariam, para lhe inscrever indelevelmente o nome entre os impereciveis bemfeitores do genero humano.

Mas esse spectaculo, grandioso entre os mais tremendos da historia, foi apenas um lampejar na longa fulguração daquella

vida. E é essa imagem vasta como um seculo que eu deveria fixar hoje no momento de um discurso! Como se a palavra dispuzesse de um raio do sol, para debuxar n'uma lamina de alguns centimetros a immensidade do horisonte.

Essa existencia, pois, não vos venho eu recontar, nem narrar a obra estupenda do gigante. Nessa longa serrania de alcantis vertiginosos e profundos algares, procuraremos apenas, com o pensamento, de cimo em cimo, conjecturar, daquellas eminencias, o alcance da scintillação sideral, que as corôa, e perguntar ás grutas dos seus flancos o segredo das sombras adormecidas nos refolhos do fraguado.

Pombal não é um homem: é uma idade, uma antecipação do futuro, bem que não incolume da eiva inevitavel do seu tempo. D'ahi a multiplicidade espantosa de faces, em que se desenha o seu character.

Uma especie de lenda envolve as

apartadas origens da sua ascendencia. A erudição, que não me cabe apreciar, desaffeioada, ou entusiastica, ora a liga, no oriente, á descendencia dos principes herodianos da Judéa, ora a vem entroncar, em nossas florestas, entre os chefes da raça dominadora dos Tabayaras. Não é, porém, nossa missão explorar as fontes obscuras da torrente.

Que foi neto de um juiz é certo, e filho de um capitão de cavallaria. Como que do magistrado herdou a rigidez tranquilla, a impassibilidade nas durezas da repressão; do soldado, a bravura, ora calma, ora impetuosa, conforme a conjunctura lhe punha á prova a paciencia, ou o arrojo. Fallam delle os contemporaneos como um dos mais bellos homens da sua epocha: porte avantajado; robustez excepcional; intelligencia descortinadora; na memoria portento; o imperio na frente, no gesto, na estatura; altivo e ameno; insinuante e audaz; irritavel e capaz de

ternura; reunindo a resignação á actividade, a madureza ao impeto, a sensibilidade á aspereza, a dissimulação ao arrebatamento; possuido, avassallado pela sua idéa, uma idéa superior sempre, e servindo-a inflexivelmente, ora pela força dos golpes de estado, ora pela preparação de laboriosas medidas administrativas, ora pelas tortuosidades subterraneas da diplomacia.

Diplomata foi, que não cedeu talvez a nenhum da sua epocha. Sete annos, de 1738 a 1745, representou a coroa de Portugal perante Jorge II. Habil e feliz nas suas negociações, poudé acompanhar de perto uma das phases mais vivas da historia de Inglaterra. A mediocridade dos successores de Guilherme III e os talentos extraordinarios da geração de estadistas que se lhe seguira, acabaram de implantar naquelle paiz o governo de partido, indistincto ainda sob o reinado de Anna, separando o ministerio do conselho privado e a politica da prerogativa, accen-

tuando a organização do regimen de gabinete, abrindo a era do constitucionalismo parlamentar, entregando o poder á responsabilidade ministerial. Assistiu alli o plenipotenciario de D. João V ás memoraveis luctas parlamentares de Walpole, á ebullição guerreira contra a Hespanha, á queda do vigoroso ministro, em 1742, perante a maioria dos communs, ao advento do ministerio Carteret, á ascensão do duque de Newcastle, a essas batalhas, emfim, pela administração do Estado, pejudadas na tribuna e decididas nas assembléas electivas do povo. Affirmam que foi impermeavel a esse ambiente. A mim me parece antes havel-o dominado a convicção de que aquelle ar não encontraria em sua patria pulmões preparados para a combustão do oxygenio respirado nas margens do Tamisa por uma nação onde o protestantismo e as instituições locais alimentaram as fortes qualidades da independencia popular. A meu ver, é

mais que duvidosa a utilidade de que o « grande marquez » se tivesse deixado saturar dos elementos da atmospherá constitucional. Impregnado pelo espirito das fórmás inglezas, cujo idioma nunca aprendeu, a sua energia ter-se-hia provavelmente debilitado para o embate contra os grosseiros vicios da reacção que apodrecia a nacionalidade lusitana. Um espirito educado nas tradições da Magna Carta e do Bill dos Direitos seria exótico e esteril ante a invencível ignorancia de uma aristocracia corrompida, a inconsciencia de um povo imbecilizado pela crendeirice, a alterneria de um clero todo-poderoso, a fraqueza de uma dynastia decadente.* O Portugal servo das especulações britannicas, o Portugal monastico, dissoluto e sangrento de Odivellas, da Inquisição e dos Jesuitas estava demandando aquelle homem assim:

* É digno de estudo o quadro da herança psychologica e physiologica na casa de Bourgogne e sua antiga degenerescencia desde Sancho I, exposto no livro do Dr. PAUL JACOBY: *Études sur la sélection dans ses rapports avec l'hérédité chez l'homme*. (Paris, 1881) pags. 372-380.

a revolução, por assim dizer, encarnada, com os seus angulos violentos e as suas grandezas deslumbrantes.

E' singular que uma indole talhada para esse papel fosse capaz dos dotes que descobriu a sua missão á côrte brilhante de Maria Thereza. Na espinhosa mediação diplomatica em que representou o soberano portuguez entre a curia romana e a imperatriz-rainha, coube-lhe a palma de resolver a difficuldade com applauso de ambas as partes desavindas, redigindo as bases do tratado de 12 de março entre Roma e Vienna. Novos louros o deviam coroar, pouco depois, na questão suscitada pela hostilidade de Benedicto XIV contra o eleitor de Moguncia. A resistencia da Santa Sé desarmou-se ao influxo moderador do estadista, que por tão profundos golpes no Vaticano se havia de assignalar mais tarde, mas cuja passagem pelos negocios internacionaes da igreja com os paizes allemães deixou por toda a parte

uma tradição de doçura, de paciência, de benignidade e de paz.

Eis o homem que assumia a pasta de estrangeiros e da guerra, em 2 de agosto de 1750, quarenta e oito horas depois de extinta a triste existencia de D. João V. Bem pouco tempo lhe foi preciso, para, sem que recebesse, nem requestasse nunca o titulo de primeiro ministro, dominar o soberano, absorver em si a politica, e personificar o Estado.

Espessa obscuridade toldava todas as perspectivas do governo. O absolutismo, disciplinado no confessionario, gafara a nação até os ossos. Uma acanhada e odiosa minoria, representada pela coroa, por uma fidalguia depravada, por um clero corroído de vicios ignobeis, devorava quasi de todo em todo a substancia do paiz. Numa população de pouco mais de dois milhões de individuos, cerca de duzentos mil, a decima parte, consistiam em monjes, monjas e padres. O escandalo de uma devoção,

que não era senão o manto da mais abjecta immoralidade na justiça, na administração, na familia, na igreja, depauperava no corpo e na alma a patria de tantos assombros historicos, essa descendencia de heroes que honrariam a grande idade da Grecia. O beaterio era a maior das artes e quasi a unica preocupação social. As procissões, as romarias, as festas religiosas sobrecarregavam a miseravel multidão proletaria com o imposto da ociosidade forçada. O duque de Chatelet ouviu a um pobre mesteiral carregado de familia esta dolorosa exclamação: « Grande Deus! Oito dias santos em quinze dias! Será possivel que esta seja a vossa vontade? » (1) Uma terça parte de Portugal era propriedade da sotaina; as outras duas pertenciam a um throno quasi mendicante sob a sua opulencia e a uma aristocracia endividada e envilecida. O oiro do Brazil

(1) *Voyage du ci-devant duc de Chatelet en Portugal*. A Paris 1798. Tom. I, pag. 53.

illudia o governo ignaro da metropole com a mais falsa das miragens da riqueza, enquanto a escravaria levava aos costumes nacionaes esse contacto de pollução inevitavel, com que os opprimidos, por uma fatalidade superior, se vingam da oppressão. Da agricultura existia apenas o mais boçal dos rudimentos. A industria era nulla. O commercio estava monopolizado pela Inglaterra, que lhe impunha os seus tecidos, sob as clausulas calamitosas do tractado de Methuen; que lhe fazia, em troco de uma ridicula compensação, o favor de consummir os seus vinhos; que espremia sob o peso das commissões e do cambio os lavradores portuguezes; que absorvia a producção das colonias. Em 1754 teve o rei que contrahir um emprestimo de quatrocentos mil crusados, para occorrer ás necessidades de sua casa. A policia reduzia-se a uma fautora de crimes, a um elemento de desordem; a nobreza contava nas suas fileiras

os arruaceiros mais celebres e os mais temidos malfeitores do reino. As perseguições tinham proscripto a raça intelligente e industriosa dos filhos de Sião, que foram levar a prosperidade a outras regiões. A soberania do Estado sumira-se a tal ponto na sua baixa condição de feudatario ás explorações de Roma, que o successor de D. João V, desse automato do clero, em cujos dias se consummaram mais de oitenta mil libras de um thesouro exhausto na estulta instituição da *Patriarchal*, careceu de declarar por um decreto a sua prerogativa de edificar templos no territorio do seu paiz sem o praz-me da tiara.

Que genio poderia pôr limites a essa decomposição senil, fixar nesse corpo os ultimos resquicios de vida, restituir ao poder a sua autoridade, á nação a sua energia? A tempera de Pombal não era das que hesitam.

A sujeição mercantil e sacerdotal de

sua patria captou-lhe absorventemente todas as faculdades. Essa superstructura parasytaria do clericalismo com os seus oitocentos estabelecimentos religiosos n'um paiz inculto e despovoado, essa concentração exclusivista de todos os interesses commerciaes nas mãos de um povo ambicioso e assimilador, como a Inglaterra, imprimiram desde o começo ás idéas do estadista a direcção radical que caracteriza o seu genio.

Precursor do seculo XIX em tantas das suas aspirações preponderantes, a sua administração economica infelizmente gira de ordinario nos erros de seus contemporaneos. No proposito de reagir contra os inglezes, senhores absolutos de todo o commercio portuguez, intermediarios em todas as suas transacções, contra esses invasores, « que vinham até dentro de Lisboa roubar-lhe o commercio do Brazil », contra esses armadores insaciaveis, cujas frotas cruzavam o oceano carregadas da

opulenta producção do outro continente, contra essa industria que vestia Portugal, contra esse gabinete de Londres, ante quem o de Lisboa « não tinha voz deliberativa », contra esses banqueiros, para cujas arcas se escoava o oiro brasileiro, e, no intento, por outra parte, de extinguir a tyrannia exercida nas colonias americanas pelo industrialismo jesuitico, entregou-se rasgadamente a uma politica protectora em vastas proporções; prohibiu a exportação do numerario; demarcou limites e condições á vinicultura; organisou largas companhias, como a do Alto Doiro, a do Maranhão e Grão Pará, a de Pernambuco e Parahyba; subordinou a um privilegio o commercio com o Oriente; favoreceu estabelecimentos fabris, creados ou subsidiados pelo erario nacional; impôz mercados publicos á venda dos cereaes. Sem duvida os fructos dessas reformas não córresponderam á energia despendida, comquanto não fossem de todo infecundas.

Sem duvida essas medidas parece obedecerem a um preconceito: a confiança no proteccionismo. Esse preconceito, porém, era tanto mais natural, quanto imbuui, por assim dizer, todo o seculo passado, e ainda, em grande parte, o seculo actual. Estadistas como Sully, Colbert, Necker, Bonaparte resentiram-se profundamente dessa falsa concepção. Locke ainda acreditava na theoria da *balança commercial*. Quasi todos os governos europeus tinham vedado sahida aos metaes preciosos. Dos contemporaneos que mais odiaram, e dos que mais admiraram o grande ministro, libellistas e apologistas adheriram igualmente ao edicto prohibitorio de Pombal. Fallam em Quesnay, em Turgot, em Adam Smith! Mas os principaes actos proteccionistas do ministro portuguez se decretaram entre 1752 e 1756. Ora, só em 1756 sahiram, pela primeira vez, a lume, na *Encyclopedia*, as doutrinas economicas de Quesnay. As verdades en-

sinadas por Turgot ácerca da liberdade de circulação dos cereaes não passaram pelo criterio da experiencia, senão com a sua intendencia de Limoges em 1761 e o seu ministerio em 1774, no meio de resistencias vigorosas; e tanto não estavam acreditadas, ainda após essa prova, que a ignorancia de seu tempo lhe attribuiu a penuria de 1775. Quanto a Adam Smith, só em 1776 se deu a prélo o seu livro *Da riqueza das nações*. Os monopolios e as prohibições de Pombal, pois, longe de se filiarem a illusões já anachronicas nessa quadra, eram apenas a germinação natural das sementes que a politica européa esparzia quasi por toda a parte. O « espirito protectivo » florescia a pleno. O Estado e a igreja exerciam a alta tutela sobre as relações individuaes. D'ahi para cá é que a sciencia entrou a vibrar-lhe os primeiros golpes. E quem não conhece a tenacidade, ainda hoje, da escola prohibitiva? Ha quarenta annos,

quando muito, estadistas como Lord Melbourne, então chefe do gabinete, e sir James Graham não qualificavam os principios, que pouco depois triumpharam, da escola de Manchester como a maior das demencias já sonhadas pelo homem? Não vaticinaram que elles arruinariam o paiz, extinguiriam a agricultura, derruiriam as instituições religiosas e civis, fariam retroceder a civilisação britannica ás suas origens primitivas? (1) Pois não estamos presenciando o espectáculo do proteccionismo enthronisado nos Estados-Unidos, a despeito da sua acção retardataria no progresso economico do paiz, exemplificada alli melhor do que em parte nenhuma? (2) Pois não será factó corrente em nossos proprios dias a contribuição com que teem cooperado para o proteccionismo, nas colonias inglezas, o juizo, emitto por homens da altura de Mill,

(1) HENRY ASHWORTH: *Cobden and the League*. Pag. 42

(2) JAMES E. THOROLD RÔGER: *Cobden and modern political opinion*. Lond, 1873. Pag. 49.

de que a imposição de direitos protectores, como instrumento auxiliar a novas industrias n'um paiz novo, constitue um expediente temporariamente justificavel? (1) Mas, senhores, todos esses desvios contra as leis naturaes são emanações, mais distanciadas, mas não menos genuinas, da erronia que inspirou ao grande chancellor de D. José essas providencias coercetivas.

Excessiva severidade é, pois, o arguil-o por ahi de falta de criterio scientifico (2). Tão pouco será licito accusar de absolutas as suas opiniões. Tanto o não eram, que não estendeu a idéa das companhias privilegiadas ás regiões coloniaes, como a Bahia e o Rio de Janeiro, onde o commercio prosperava. Chegou, até, a entrever a liberdade economica. Não pôz duvida em reconhecer que « na liberdade

(1) HENRY FAWCETT: *Free trade and protection*. London, 1879' Chap: I.

(2) THEOPHILO BRAGA: *Questões de litteratura e arte portugueza* Pag. 328.

está a alma do commercio.» (1) Applicou-a mesmo, sem restricções, ao trato mercante entre Gôa e Moçambique. Reduziu, e simplificou as taxas sobre o fumo e o assucar, em 1751. Emfim, pelos alvarás de 10 e 27 de setembro de 1755 estabeleceu a liberdade de commercio e navegação com as possessões insulares e continentaes de Portugal no Atlantico. Contradicções, é claro. Mas bem vindas contradicções! contradicções que demonstram não ser o seu espirito alheio, nos assumptos economicos, á orientação liberal. E quem não sabe que de incongruencias dessas não se escoimam os mais eminentes fundadores da sciencia? Pois esse mesmo Adam Smith, o patriarcha da liberdade commercial, não defendeu contradictoriamente as Leis de Navegação, rep^{re}diadas pela Inglaterra dois annos depois e sob o mesmo impulso da

(1) Alvará de 3 de Maio de 1755.

revogação das leis cereaes? Não as defendeu estribado em razões de conveniencia nacional, quando a historia desde a nascença dessas instituições prohibitivas mostrava as suas desvantagens estrondosas? E, se ainda na esphera da alta especulação scientifica, os espiritos mais adeantados não escapam ás seducções retrogradadas, como estranhar que cedesse ao pensamento dessas excepções oppressivas o athleta de genio, em recontros furiosos, entre os vicios de uma nacionalidade sem seiva, procurando com sobrehumano esforço pontos de apoio no terreno lodacento de uma epocha incapaz de comprehendê-lo?

Tenho pressa, senhores, em chegar aos factos culminantes desta vida, cuja grandeza não coube no seu seculo. Não me deterei, pois, nas suas reformas fiscaes, onde assentou a mão, exterminando de uma vez a praga assoladora dos vinte e dois mil collectores, que sugavam

a fazenda; reduzindo a um e meio por cento as despesas de arrecadação; guereando as sinecuras. e estabelecendo a contabilidade regular do Estado. Tão pouco vos occuparei com a organização do exercito e da marinha, devida á omnida capacidade do seu genio e á omnipotente tempera da sua vontade. Dias antes do passamento de D. João V, os corsarios argelinos vinham ainda afferar ás costas portuguezas, ao alcance dos seus fortes silenciosos. O povo que, durante dois seculos, arrastára pela immensidade dos mares o manto de uma esplendida soberania, não tinha nem canhões para defender a honra do seu littoral, nem constructores para os seus navios, nem transportes para os productos das suas colonias, nem esquadra capaz de sustentar no minimo encontro a dignidade do seu glorioso pavilhão. Mais ou menos analogo era a condição das forças de terra. Dentro em poucos annos o talento regenerador

do possante estadista mudára a face das coisas: a artilheiria, o recrutamento, o exercito, a armada, as fortificações, os arsenaes, na Europa, na Africa, no Brazil sentiram por toda a parte a mão do prodigioso dictador, cujo tino na percepção das necessidades militares conquistou-lhe a admiração de technicos provectoros e celebres como o conde de Schaumburg-Lippe; cuja intuição de governo, nas especialidades mais inaccessiveis, o habilitou a escrever e legislar sobre as coisas da India, onde nunca esteve, como se a conhecesse pelo mais profundo estudo local da sua natureza, das suas instituições, do seu povo.

Da sua energia nos certames internacionaes; quando a diplomacia deixava o campo ás armas, tambem não direi. Sua ousadia, sua placida intrepidez, seu desembaraço entre os perigos, a incitação crescente do seu denodo na razão directa dos obstaculos, a instantaneidade da sua

acção creadora improvisando em mezes, na guerra de 1762 contra o Pacto de Família, n'um paiz talado, miseravel e ermo, um exercito de cincoenta mil homens, maravilham, electrizam ainda hoje a posteridade. Nem affagos de alliados o captivaram nunca; nem houve superioridade inimiga, que lhe alterasse o sangue frio. A sua resposta ás exigencias humilhantes da alliança franco-hespanhola é heroica. O seu rompimento com a Hespanha em 1776, contra os conselhos instantes da Inglaterra, é temerario como as inconsideações do patriotismo e da honra; mas a resolução tenaz do seu proposito nesse extremo encobre o segredo de um calculo perdido no naufragio que truncou aquella vida. O que é certo, é que medio sempre o pundonor de sua terra pela altivez da sua fronte. Durante o seu reinado trintanario, o mundo é testemunha de

« Que a patria que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta. » (1)

(1) CAMÕES: *Lusiadas*, VIII, xxviii.

Em summa, porém, esses tropheus não pertencem á nossa festa; porque não interessam a humanidade. Esta é a patria, a glorificação, o culto que celebramos aqui. A philosophia annunciava, hontem apenas, esta época, em quasi plena realidade já hoje: a do reconhecimento religioso do genero humano para com os bemfeitores da civilisação. Eis o que confere direito a esse immortal de encher este recinto, e possuir agora aqui todas as almas. Na epopéa da sua campanha contra o jesuitismo, contra as desigualdades de casta, na enorme galeria das suas reformas sociaes está a synthese do seu genio, a expressão historica do seu nome, a fórmula radiante da sua contribuição para o progresso.

A *Companhia* de S. Ignacio envolverá Portugal n'uma atmosphera tumular. Em condições mais propicias que n'outro qualquer ponto da Europa se exercêra alli o seu processo de cadaverisar a crea-

tura humana. O «curto juizo» de D. João III entregara-lhe o reino, em 1540. Tres annos bastaram para que a formidavel potestade negra alastrasse toda a superficie do paiz; vinte e cinco, para que os seus collegios cobrissem até aos confins o territorio nacional. O ensino official cahio-lhe todo nas mãos: deu-se-lhe, em 1555, o *Collegio das Artes*, porta inevitavel para as Faculdades Juridicas e Canonicas, e, em 1559, o collegio de Evora, transformado em universidade; concedeu-se aos professos da Ordem a gratuidade dos graus universitarios; equipararam-se os titulos doutoraes da religião de Loyola aos de Coimbra; reconheceu-se-lhe o privilegio exclusivo do magisterio publico; vinculou-se á sua theologia a instrucção inteira, impondo-se aos estudantes e aos doutorandos o juramento de um dogma seu.

O mundo conhece hoje, felizmente, a politica, a fé e a pedagogia de Loyola. A pedagogia e a fé são para a Ordem

de Jesus apenas instrumentos da sua politica, immensa politica, que tende ao governo dos Estados pela posse absoluta das almas. A substituição da liberdade pela obediencia, da intelligencia pela confiança, da consciencia pelo confessionario, da moral pelo probabilismo, do sentimento religioso pelo pietismo mechnico: taes os grandes traços dessa concepção inimitavel, que veio achar na península iberica um terreno admiravelmente preparado pelas invasões, pelas guerras religiosas, pelas commoções geologicas, pela pobreza e incultura do espirito popular. A grammatica, a rhetorica, a escolastica, o casuismo: eis os elementos dessa gymnastica formal, em que os geraes da Ordem ainda hoje confessam consistir o programma das suas escolas, e cujo tremendo pensamento é matar a vida psychologica das faculdades individuaes, a personalidade intima do homem, sob um regimen de movimentos automaticos, enviscerados pelo habito de

uma disciplina engenhosa e perseverante. Milton deixou resvalar um reflexo celeste sobre a revolta do seu Satan, decahido, fulminado, mas reaspirando á luz pela liberdade. Em torno, porém, da imagem desta organização, cujo ideal é desthronisar do homem os elementos divinos da humanidade, pela asphyxia da vontade pessoal, pela suppressão obrepticia da verdade e da razão, em torno dessa imagem tudo é caliginoso como a insanía e o captiveiro. Dir-se-hia o « exercito das trevas », de que falla a Biblia.

Para não despertar a investigação philosophica, é preceito, nas suas aulas, evitar questões acerca da natureza de Deus. A religião, ensinada pela *Summa* de Canisio, tem, ainda assim, o mais acanhado logar nas classes (1) Em compensação, os exercicios devotos ramificam-se infinitamente por toda a extensão dos seus

(1) HUENER: *Les jésuites. Trad. par Alf. Marchand. Paris, 1875. Vol. I, pag. 152.*

methodos, como no corpo animal o systema sanguineo e o systema nervoso.

Essa influencia desastrosa predispuzera Portugal para a annullação de 1580, e perpetuou depois da revolução emancipadora de 1640 a decadencia politica e social da nação. Os directores espirituaes tomaram conta facilmente dos reis e dos principes. Simão Rodrigues, o companheiro de Francisco Xavier, foi logo, em 1543, o preceptor do principe herdeiro, e a rainha submetteu-se á direcção de um jesuita. Ao beato e incapaz d. João III. succedeu d. João IV, creatura da *Companhia*. Em d. João V, o antecessor de d. José, tinham subido ao throno a indolencia, a superstição e a sensualidade. Essa atmospheria de mundanidade e santimonia casava singularmente bem com a indole do jesuitismo, sua origem. Tendo invadido n'outros paizes o movimento scientifico, que timbravam em senhorear, os padres da *Companhia*, em Portugal, distinguiam-se

por essa ignorancia que pasmara, na Hespanha, o duque de Saint Simon (1). Alli póde-se dizer, como da nação visinha, « quanto mais aprendia um homem, menos sabia. » (2) Pois bem: essa perversão organisada e beatificada nacionalisara-se no paiz, absorvera-o, quebrando a virilidade popular, transformando n'um phantasma de vicios e andrajos a aristocracia, villipendiando o throno, infamando os altares.

Portugal descera, a um simples logradouro da familia de Loyola. Era, como já disse alguem, « coisa da *Companhia*. » (2) Imaginae agora, no seio de um povo amolgado, havia dois seculos, a essa pupillagem, a posição do grande ministro, deliberado, frio, indomito no seu plano, como um pincaro alpestre, inabalavel entre as tempestades desencadeadas, a fitar ao longe as primeiras claridades de um dia

(1) « The more a man was taught, the less he would know. »
BUCKLE: *History of Civilisation in England*. Leipzig, 1865. Vol 4,
pag. 94.

(2) OLIVEIRA MARTINS: *Historia de Portugal*. Tom. II, pag. 77.

distante, concebendo, iniciando, consummando a empreza de varrer da face da civilisação essa força victoriosa, habituada a arcar, ora com o throno dos cesares, ora com o dos papas, essa milicia da usurpação theocratica, que o mundo vira preconisar, no concilio tridentino, a infallibilidade pontificia, e alliar-se indifferentemente, contra o pontificado, ás liberdades gallicanas, personificadas em Luiz XIV.

De certo, um movimento de fermentação anti-theologica percorria a sociedade européa durante o seculo XVIII; e Pombal recebera a impressão dessa corrente. ^{Mas} Nem esse phenomeno ^{nao} ainda começara a abalar a raiz das superstições religiosas na massa popular. Assim, emquanto na Hespanha se escreviam pamphletos attribuindo o terremoto de 1755 á alliança de Portugal com a herege Inglaterra, em Londres se prohibiam as mascaradas, pelo receio de que as profanidades carnavalescas

acarretassem á Inglaterra a mesma calamidade que enlutara Portugal. (1) Contudo, os primeiros symptomas da deslocação revolucionaria já eram sensiveis. Mas Portugal estava fóra da linha isothermica dessa revolução. No meio, pois, de uma nacionalidade que nem a suspeitava, é que o grande estadista ousou alçar o governo á altitude do seu atrevimento, para dar á historia o espectaculo desse duello estranho de um homem, de uma convicção, de uma vontade, contra uma legião que tinha por trincheiras a connivencia inerte do povo, educado n'um regimen de domesticidade monacal.

Começou por demittir a *Companhia*, em 1757, do confessionario, e defender-lhe ingresso nos paços reaes ; medida a que só dez annos mais tarde se affoitava, na Austria, a imperatriz-rainha. A esse raio seguio-se o clarão de uma novã ameaça,

(1) LORD MAHON: *History of England*. Vol. IV. Pag. 64.

e logo depois outra scintilla fulminante. Em 1758, graças á tenacidade inquebrantavel de Pombal, um breve de Benedicto XIV nomeava o cardeal Saldanha visitador e reformador da Ordem nos dominios portuguezes, e dois mezes após um edictal do patriarcha de Lisboa privava os padres da Sociedade de Jesus do exercicio de confessar e prégar. Pombal não disfarçava as suas intenções: o designio firme de banir do reino essa conspiração permanente contra o paiz foi communicado á Santa Sé. Na opinião « de sua magestade, cincoenta annos de guerra com qualquer das maiores potencias europeas seriam menos perniciosos á sua auctoridade que a presença dos jesuitas. » (1) O sequestro dos bens da *Companhia* foi decretado em janeiro de 1759. Aos 5 de outubro desse anno astoiron a grande detonação da procella, com o acto,

(1) Carta de Pombal ao embaixador portuguez em Roma, d. Francisco de Almeida. V. F. LUIZ S. GOMET: *Le marquis de Pombal*. Lisbonne, 1869. Pag. 168.

da expulsão, seguido, em fevereiro de 1761, pelo confisco das propriedades da Ordem. Em fins do anno de 1759 não havia um jesuita nos territorios do reino. (1)

Sabe-se que só em 1764 a França desfechou esse golpe, e a Hespanha em 1767.

Apenas esses dois Estados acabam de imitar o exemplo do governo portuguez, já o preclaro ministro de d. José os convida a outro commettimento cem vezes mais agigantado : o de arrancarem ao papa a extincção do jesuitismo. Essa tentativa, iniciada em 1764 perante a côrte franceza, renova-se em 1767 ante os dois reinos. Choiseul recusa, para não annuir senão depois do assentimento de Castella; mas ambos esses governos fogem á acção, e não se abalançam aos seus riscos, enquanto a obstinação de Clemente XIII

(1) *Voyage du ci-devant duc de Chatelét*, Tom. I. Pag. 58.

em revogar a bulla de deposição do infante de Parma não obriga as tres côrtes da casa de Bourbon, em 1768, a exigirem como solução decisiva a medida reclamada, havia quatro annos, pelo estadista portuguez, retardada pelas hesitações dos gabinetes de Versailles e Madrid, e cedida, emfim, sob a mais violenta pressão internacional, por Ganganelli, a quem, tal qual succedera a Benedicto XIV, não se fez esperar a mysteriosa morte dos papas infensos ao jesuitismo. Por esse triumpho, que a philosophia de hoje reconhece como « o mais capital, a todos os respeito, de quantos até então, desde o protestantismo, occorreram no Occidente, » (1) sete annos lidara o illustre marquez. Si interesses internacionaes, pois, venceram a indifferença primitiva da França e da Hespanha, e estreitaram afinal a Santa Sé nas intimações vigorosas da liga hispano-franceza,

(1) A. COMTE: *Cours de philosophie positive*. Ed. de E. LITTRÉ Paris, 1879. Tom. VI. pag. 282.

não é menos certo que essa colligação achou amadurecido o fructo e prestes a cair. A Pombal cabe, portanto, a gloria da iniciativa, da fé pertinaz, do empenho continuo, da intransigencia irreductivel. Foi o primeiro homem de estado que levantou a mão contra a prole de Loyola, e desde então não depoz as armas, emquanto não vio prostrado o colosso.

Por entre essa irradiação ha pontos opacos: o carcere da Junqueira, o supplicio de Malagrida, a execução dos Tavoras.

Não era dado áquelle seculo de estuante transição chegar aos grandes resultados humanitarios sem terriveis descontos de deshumanidade e barbaria. A flor desse sentimento de inviolabilidade da pessoa humana, que, sob as leis athe-nienses, arremessava ao mar a estatua de Theogenes, culpada de esmagar na quéda um inimigo do athleta de Thasos, não resiste ao impeto dessas epochas de re-

vôltas transformações sociaes. Os tempos de hoje haviam de vel-a ;reviçar; mas naquelles mesmos que mais contribuíram para esta rehumanção da nossa especie, bem longe estava então esse sentimento da delicadeza com que actua na civilisação hodierna,

A perpetração de um attentado contra a vida de el-rei, a existencia de uma descommunal conjuração contra o throno, a culpabilidade de uma conspicua fracção da nobreza parecem hoje demonstradas por uma serie de provas sufficientes. Ao menos os contemporaneos o creram. O embaixador francez, por exemplo, era dessa opinião. A cumplicidade dos jesuitas é attestada pelo juizo de Acciajuoli, representante então da curia em Lisboa. (1) Longe de mim, porém, não obstante, a intenção de absolver o cadafalso, a fogueira e a roda. Mas, ha cem annos, essas invenções da

(1) JOHN SMITH: *Memórias do marquez de Pombal*. Trad. de FONSECA e CASTRO, Lisboa, 1872, Pag. 134.

selvageria ainda não tinham perdido a sua actualidade como instrumentos de governo. Já a philosophia acendia contra ellas o seu facho. Mas a philosophia pouco mais era então que um ponto luminoso no céo, mormente para esse aquartelamento do fanatismo que se chamava Portugal.

Essas ferocidades pareceram merecidas ao duque de Chatelêt, que viajou aquelle paiz, quando já o marquez não o governava. (1) Ao ministro inglez, cuja correspondencia as descrevia, nem as execuções de 1757, nem as de 1758 provocaram a minima palavra de censura. Entretanto, foram atrozes. Mas quem desconhece a gravidade excepcionalmente aterradora dos crimes de lesa-magestade naquelles tempos? Quem não sabe a commoção produzida ainda hoje pelas tentativas regicidas? A tortura é uma abominação bestial. Mas essa França mesma, de onde

(1) *Voyage du ci-devant duc de Chatelêt en Portuga.* Tom. I pag. 133.

Voltaire desfeixava as farpas da sua indignação e do seu desdem contra o governo portuguez, vira justiça, por motivo analogo, precisamente em 1757, na praça da Grève, a Pedro Damiens, cujo supplicio, de uma crueza incomparavel, fez recuar de horror o verdugo. O anno de 1766 presenciou o de La Barre, barbaridade contra a qual a coragem de Voltaire lhe conquistou a mais immarcessivel das palmas. A Prussia, ainda sob o reinado actual, requintava com os tractos a pena de morte. Nos Estados do papa o supplicio do cavallete até ao meiado do seculo XIX, sob Gregorio XVI, funcionava entre os instrumentos ordinarios da justiça (1). A chamma dos *quemaderos* estalou, na Hespanha, até 1781 (2). De todas as influencias sociaes, o elemento theologico foi o que, nos ultimos seculos, mais concorreu para destruir entre

(1) ER. ABOUT: *La question romaine*. Bruxelles, 1856, Pag. 168.

(2) BUCKLE: *Hist. of civil. in England*. Vol. IV, pag. 112.

os homens o sentimento da santidade da vida humana.

Eis o meio que encontrou de redor de si o marquez de Pombal. Sabe-se que o antecessor do soberano em cujos dias reinou o grande estadista, mandara queimar o poeta Antonio José, réo de uma espirituosa ficção allusiva ao monarcha no comico typo do *Grande Governador da Ilha dos Lagartos*. Ainda em 1741 o padre Loureiro e, em 1744, Pedro Hennequin, dois pacientes de alienação religiosa, expiaram no fogo a epidemia jesuitica. Imaginemos agora a situação do ministro de d. José. Accusam-n'o de não ter conhecido a clemencia. Se não se soubesse que a critica, ainda nos criticos mais eminentes, se resente de pequeninas velleidades peculiares ao officio, estranhavel seria que precisamente os que mais insistem na realidade da lei sociologica da acção do meio sobre as coisas e os homens, sejam os que não perdoem ao mais notavel es-

tadista do século XVIII o não sair illibado de todas as máculas do seu tempo. Exigir, nas condições de um destino tão excepcional, a benevolencia philosophica de Voltaire casada a essa exuberancia de energia, a esse temperamento de combate que caracteriza aquelle extraordinario extirpador de abusos seculares, é converter em possibilidade o mais chimerico dos entes de razão. Um luctador não é um apostolo. A quadra não podia, nem admittia um desses espiritos de conciliação e indulgencia convenientes ás edades tranquilladas e civilizadas. A alma batalhadora daquelle homem não era feita para esses aureos periodos, scismados pelo poeta, em que o bem e a paz se estendam através do globo como um raio de luz (1). O seu governo foi uma refrega continua, no seio de uma nação paraly-

(1) « When shall all men's good
Be each man's rule, and universal peace
Lie like a shaft of light across the land. »

TENNYSON: *The Golden Dream.*

sada, contra forças que a esmagavam sob o peso de uma omnipotencia biseular; e entre as desigualdades dessa temerosa pejeja seria sobrenatural fugir ás exigencias odiosas da guerra, em que tantas vezes se tocam a iniquidade e o direito. (1)

Figurae a sua posição : um reinado vacillante, tendo traz si duzentos annos de podridão e jesuitismo; deante um futuro carregado de funestos agoiros; em torno uma vasta muralha de lama, com que o mysticismo e a miseria do povo, a ignorancia alvar, a impudente immoralidade, o cruel parasytismo do clero e da fidalguia tinham gasto dois seculos em defender e circumvallar o reino contra a civilisação alvorecente. E dizei-me : nesse combate de um genio contra essa massa informe, de onde se banira a consciencia, a generosidade e o pudor, que milagre

(1) « I swear to your lawful and lawless war
Are scarcely even akin. »

TENNYSON: *Maud*, part. II.

da razão poderia afugentar a violencia?

Em Malagrida a sciencia vê hoje um idiota. E o spectaculo da demencia suppliciada faz tremer. Mas esta percepção cem annos atraz não era clara como hoje. O delirio mystico tornara-se uma enfermidade, que os jesuitas alimentavam preciosamente no povo, e de que foi victima boa parte dos seus propagadores. A discriminação entre o estado moral e o estado pathologico não se podia fazer nitidamente aos olhos de um espirito profunda e justamente prevenido como o do marquez, em quem, de mais a mais, dominava a convicção da hypocrisia da roupeta inimiga, e que no auctor da *Vida de Sant' Anna* via juntar-se ao fanatico o conspirador. D'ahi a sua frieza inexoravel nesse processo, que entregou á Inquisição. Era de um só revez um golpe na Inquisição e um golpe no jesuitismo.

Senhores, não panegyriso : explico as resultantes de uma situação incomparavel

e a acção ás vezes irresistivel do meio sobre o homem. A justiça está em reconhecer ao heroe a gloria dos actos em que elle rompia com o seu tempo, e levará conta do tempo a responsabilidade dos males em que o seu espirito obedecia ás tradições da sua época.

O jesuitismo, na pessoa de um dos mais puros representantes da mórbida e deprimente piedade do seu culto, perecia ás mãos da sua propria moral. Apesar das dessemelhanças, antipathias e combattes ulteriores, ha, na origem, entre a instituição de Innocencio III e a de Loyola uma profunda relação de homogeneidade. A doutrina da extirpação da heresia pela destruição do herege teve nos canonistas de S. Ignacio os seus mais sabios apologistas. O impio, segundo elles, não tem direito nem á patria, nem ao contacto com os homens, nem á propriedade, nem á personalidade civil, nem á vida, nem ao amor de seus filhos, que merecem o céo

denunciando o progenitor incredulo, e deixando-o expirar á fome. A prole de um condemnado não tem jus a um óbolo da fortuna de seus paes. Nullo e irritado é o acto do soberano temporal, que limite a alçada ao Santo Officio. A *Ratio Studiorum*, que prohibe aos discipulos da Ordem os espectaculos publicos e as festas, autorisa-os a espaiarecerem saboreando o supplicio dos descrentes. Eis o evangelho da Inquisição; eis, egualmente, o alkorão dos theologos da *Companhia*. Activos divulgadores da crença na feitiçeria e no endemoninhamento, ainda hoje propalada pela theologia de Gury, sobre o nome da sua Ordem recae o martyrio de dezenas de milhares d' innocentes victimas immoladas pelos santos tribunaes da fé. Deante disto, quando contra o jesuitismo capitulado em blasphemia e feitiçeria a magistratura orthodoxa levanta a fogueira abençoada pelo jesuitismo contra a impiedade, — a con-

sciencia moderna recua, horrorisa-se, fulmina; mas dir-se-hia ouvir pairar nos ares este grito lancinante da tragedia antiga:

«São os mortos que matam os vivos!» (1)

Pronunciar entre as magnificencias de uma festividade como esta o nome execravel da Inquisição é suscitar um spectro. Crer-se-hia que toda esta pompa se obumbra, e emmudece, para deixar sentir ao longe o ranger das polés, o estalar dos ossos, o gotejar do sangue e a crepitação das fogueiras. As chammas dos queimadouros espelharam-se até nas aguas do Ganges, e tingiram com os seus clarões as florestas da America. A só administração de um inquisidor, Torquemada, na Hespanha, em 18 annos destruiu quatorzemil e quatrocentas familias, degradando e condemnando á prisão perpétua noventa e sete mil e tresentas pessoas, assando vivas dez mil e duzentas. (2) Esse flagello, tão

(1) ESCHYLO: *Orestia*.

(2) LORENTE, t. I. pag. 280.

sedento de sangue, como de oiro, « tão notavel pela sua crueldade, quanto pela sua corrupção » (1), que acariciava com hecatombes humanas as nupcias dos reis e os nascimentos dos principes (2), encheu, durante quatro seculos, o mundo com as suas atrocidades e as suas espoliações. Os regulamentos do ministro de D. José, em Portugal, cortaram-lhe as garras, e apagaram-lhe o brandão homicida. Destituindo-o da preeminencia religiosa, reduzindo-o a simples magistratura civil, humanisando-lhe as regras do processo, e prohibindo-lhe os autos de fé, as reformas de Pombal « significavam uma profunda revolução no regimen do Santo Officio. » (3)

Revolução foi o genio desse estadista, em quasi todos os assumptos onde penetrou. Mas nada o colloca mais indisputavelmente na primeira plana, entre os

(1) ERSK. MAY: *Democracy in Europ.* Vol. I. London, 1877, pag. 267.

(2) GENER: *La mort et le diable.* Paris, 1880. Pag. 689.

(3) LATINO COELHO: *Historia politica e militar de Portugal.* Lisboa 1874, Pag. 27.

grandes reformadores sociaes, do que a sua reorganisação do ensino, do que a lucidez com que comprehendeu que a instrucção popular e o derramamento da sciencia são a chave das finanças do Estado. A experiencia diariamente nos está mostrando, ainda um seculo depois de Pombal, quão difficil é de penetrar essa evidencia no espirito dos homens de governo. « Da cultura das sciencias », dizia elle, « depende a felicidade das monarchias. » Oh quão solida não fôra a estabilidade das monarchias, se ligassem a sua existencia á execução séria deste principio sobre todos civilizador! Mas, naquelle character, da opinião á acção não medeava um ápice. Em 1766 fundou o Collegio dos Nobres. Em 1772, por um só acto, instituiu 837 cadeiras publicas de instrucção primaria e secundaria. Imaginae, no meio do marasmo nacional daquelle tempo, o arrojo inconcebivel dessa medida, que inaugurava a escola essencialmente popu-

lar, firmando o principio da gratuidade do ensino.

Quatro annos antes principiara esse impulso com a reforma da universidade de Coimbra. Por toda a superficie da peninsula a instrucção scientifica não existia. Em 1786 um celebre escriptor castelhano, comparando as mathematicas á alchimia, ufanava-se da ignorancia dellas em sua patria, como signal irrefragavel da sua superioridade sobre as outras nações. Nos meados desse seculo não havia em toda a Hespanha um chimico practico. Mais de cento e cincoenta annos depois de Harvey ainda se desconhecia alli a circulação do sangue. A universidade de Salamanca, em 1771, recusara entrada, publica, desdenhosa e terminantemente, aos descobrimentos de Newton, Gassendi e Descartes, por se não coadunarem com Aristoteles. Em Portugal os estudos universitarios vegetavam sob a rotina theologica, do mesmo modo como

os collegios eram monopolio das ordens religiosas, e as raras escolas primarias não passavam, digamos assim, de estabelecimentos diocesanos, sob a direcção dos clérigos e a inspecção dos bispos. O apreço que o ministro de D. José ligava ás reformas do ensino, affirma-se altamente na solemnidade das circumstancias da sua viagem a Coimbra, para inaugurar a Universidade remodelada pelas suas idéas. Foi uma especie de excursão triumphal. A familia real acompanhou-o até Villa Nova. O alvará dava-lhe o character de *rei e soberano senhor* da universidade. A reorganisação desse instituto, na qual escriptores de hoje tem reconhecido a profundeza de uma revolução, accrescentava ao programma dos cursos a historia natural e as mathematicas, que o clero anathematisou de impias. Num breve espaço de tempo, surgiram oitenta cadeiras de sciencias, de humanidades, de artes de applicação; estabeleceu-se um observatorio; levantaram-se

museus de historia natural, de instrumentos chimicos, de medicina. Portentosa força de intuição, que só avaliará perfeitamente quem tenha ensejo de palpar, e experimentar ao vivo a desesperadora tenacidade com que o obscurantismo, nas mais esclarecidas espheras, sorri hoje mesmo do valor practico da sciencia, e nega-lhe os meios de vida! Cada tentativa reformista de Pombal, porém, percorria vastos segmentos de horisontes desconhecidos. Elle discerniu admiravelmente o automatismo da pedagogia jesuitica; emprehendeu seriamente libertar a instrucção da curatella clerical; reconheceu á sciencia a sua dignidade no ensino; aos professores commetteu contra a sua epocha o absurdo monstruoso de estender fôro de fidalguia, e iniciou o pensamento, practicado hoje em grande escala pelos povos mais livres, digno de adopção em todos, de um imposto que constitua o patrimonio inviolavel da ins-

trucção popular. « Viris atrevimentos » (1), que denotam nesse estadista uma capacidade, cujo defeito real consistia em ser descompassadamente superior á sociedade a que o nascimento o condemnara.

Sua audacia centuplica-se em altanadas creações, umas após outras. Dá para a liberdade da palavra e a emancipação da imprensa o primeiro passo, secularizando a censura, e abolindo o *Indice*. Leva a acção repressiva das leis ao recesso, até então inviolavel, dos conventos, fazendo penetrar a justiça nas enxovias monasticas, antigo receptaculo de perversidades indescriveis. Extingue, em materia tributaria, as immunidades clericas. Da infinidade de confrarias que, em prejuizo do trabalho e dos costumes publicos, inundavam o reino, deixa apenas quatro. Põe termo peremptoriamente á ignominia de uma especulação inveterada, que se

(1) CAMÕES. *Lusiad.*, VIII, xxxvi.

praticava com as filhas das melhores famílias brasileiras, expatriadas d'aqui sob o pretexto de educarem-se, para se condemnarem na metropole á torpe clausura dos conventos. Contém o abuso dos legados a estabelecimentos religiosos, monomania geral, que explorava as famílias, nutrindo a ociosidade e o fanatismo. Amplia as leis de amortisação. Desfecha golpe fatal na instituição dos morgados. Acaba com a iniquidade da prisão por dividas contra os devedores de boa fé. Proclama a nobreza da profissão commercial, para cujo desenvolvimento se esforça, com a sua efficacia habitual, instituindo o ensino dessa especialidade. Inaugura o principio da concurrencia e egualdade de todos os cidadãos perante os cargos do Estado, abolindo o *direito consuetudinario*, que consagrava a hereditariedade dos empregos.

A fama da sua sábia energia resoa por toda a parte. A Inglaterra ouve dos seus representantes admirados a noticia das

suas innovações poderosas no direito civil. A Austria copia as suas reformas no ensino. A sua politica iniciadora é acompanhada curiosamente pela côrte de Vienna. A magnitude dos seus actos e a força do seu animo captam-lhe a estima da heroína Maria Thereza. O nuncio, expulso por elle, rende homenagem á sua descrição e ao seu civismo. Choiseul, seu emulo e desaffeitado, reconhece na sua hombridade o unico elemento de resistencia existente em Portugal contra as pretensões inglezas. O orgulho patriotico, em summa, se a vida palpitasse no seio da patria portugueza, teria de que dilatar o peito, recebendo no ouvido ávido os echos repercutidos do seu nome :

« Quæ regio in terris nostri non plena laboris ? » (1)

Na historia geologica, entre o mundo vivo de epochas remotas, encontrareis muitas vezes entes de hoje, esboçados por

(1) VIRG.: *Aeneid.*, I, 460.

caracteres communs em creaturas antigas. A essas fórmulas organicas, que annunciam de longe a vida actual, dão os naturalistas o nome de *especies propheticas*. Na historia do homem tambem, de vez em quando, a immensos intervallos, divisareis o phenomeno, não de generos, mas de individualidades propheticas, que, á distancia, prenunciam as idéas e esboçam as instituições vindoiras. Uma dessas grandes prophecias vivas do futuro humano é o marquez de Pombal.

As exposições, esses jogos olympicos da sciencia e do trabalho, esses immensos conselhos da civilização moderna, teem o seu ponto de partida, a sua primeira vertente no ministerio do marquez de Pombal. Vinte e tres annos antes que a França celebrasse com uma dessas auspiciosas revistas da prosperidade publica o setimo anniversario das instituições republicanas, já o exemplo surgira em Portugal. A honra da prioridade não se lhe póde mais

negar. A primeira exposição industrial da Europa, fê-la, em 1775, o ministro de d. José (1). Essa idéa, que das exposições nacionaes se transformou nas exposições universaes, e das exposições transitorias se fixará nas exposições permanentes, essa idéa, uma das que não cessarão de aprofundar o seu alveo, e alargar as suas margens pelas gerações além; deve o berço ao restaurador de Lisboa. Podem-lh'o disputar, como se discute a nascente dos Amazonas e dos Nilos; mas a verificação está feita; o amor proprio ha de ceder á verdade; e, de nação em nação, de seculo em seculo, a grande arteria derramadora de intelligencia e felicidade entre os povos murmurará o nome do iniciador.

O regimen oppressivo das desigualdades sociaes não cessa de alluir-se, arre-

(1) Liquida este ponto o escripto « *Primeira exposição industrial* » do Sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães, na « *Revista da Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro, em 1879* » (pag. 292), publicação fundada pelo Dr. Domingos J. B. de Almeida.

batado pela torrente reformadora. Vai-se a malfazeja distincção entre *christãos novos* e *velhos*, que dividia a nação em dois povos, « pondo-se cobro á matança e ao roubo de mais de dois seculos. » (1). Abrangendo n'um olhar continuo os dois continentes, a sua politica transpõe os oceanos, para communicar ao oriente e ao occidente os beneficios da sua infatigabilidade civilisadora. Um alvará de 1761 decreta a mais perfeita egualdade perante a lei entre os indigenas da Asia lusitana e os portuguezes nascidos no reino. Já muito antes (1775) fôra promulgada a emancipação dos indios do Pará e Maranhão, ordenando-se, dois annos depois, a criação, nesse governo, de duas escolas, para os dois sexos, em cada povoado.

Não é, porém, sómente entre as selvas e os páramos longinquos do Brazil, que se exercia o seu pensamento liber-

(1) O. MARTINS: *Op. cit.* Tom. II, pag. 169.

tador. Os ventos de Africa tinham disseminado pelas costas de Portugal o pollen negro do captiveiro. Que auditorio ouvirá aqui este nome sem um longo estreme-cimento? Essa peste, ai de nós! filha do tráfico assassino, entrelaça-se á nossa sociedade nascente como vegetação de lianas maldictas, que nos amarellece e desfolha na primavera a flôr da nossa nacionalidade. Boa parte dessa semente de infortunio, espalharam-n'a, á travessia, os sopros do oceano. De quarenta milhões de homens roubados á humanidade pela pirataria negreira, calcula-se que oito, oito milhões, dormiram o somno da redempção no seio desses « *Mudos do mar incorruptivel* » (1), que entre as tristezas do drama helle-nico fluctuam nos lamentos da Persia. Não: o mar ja não é mudo para os homens, nem a voz das suas ondas é mais inintelligivel para as nações; porque

(1) ESCHYLO: *Os Persas*.

oito milhões de almas povoam a sua tranquilla immensidade, sussurram na esteira dos pavilhões livres o cantico incessante do resgate, e onde quer que uma vaga se estenda pelas praias de um povo soberano, murmura continuamente a queixa accusadora das suas agonias. Esse mar é o remorso e a supplica, é a reivindicação e a força, é a lição e o perigo: esse mar é a consciencia universal.

O marquez de Pombal teve a bondade e a vontade precisas para abrir em seu paiz um rasgão luminoso nessa « rêde da escravidão, a que nada foge, nem a idade madura, nem a infancia » (1). Dois actos legislativos (junctemos a melodia desas datas á musica desta festa), um de 19 de setembro de 1761, outro de 16 de janeiro de 1773, desprenderam-se, e irradiaram, como duas estrellas nas perspectivas sombrias do futuro portuguez.

(1) ÆSCHYLO. *Agamemnon*.

O primeiro — era a condemnação do tráfico — declarava livres *ipso facto* os escravos que tocassem o solo do reino; o segundo — era a emancipação da fonte humana — libertava a maternidade nas escravas. Só vinte e um annos depois a idéa abolicionista fructificava em França; só cincoenta annos além triumphava na Inglaterra; só setenta e cinco annos mais tarde vingava na Dinamarca, e na Hollanda só após oitenta e sete. Quanto ao tráfico, foram precisos ainda trinta e tres annos, para que a Grã Bretanha o prohibisse, e cincoenta e sete, para que essa idéa penetrasse na legislação brasileira. A ingenuidade da prole dos escravos esperou ainda um seculo, antes que as nossas leis a acolhessem. Quem uma vez leu o Agamemnon de Eschylo, nunca mais esquecerá « o signal inflammado », mensageiro da noticia da victoria dos Acheus sobre a cidade de Priamo, que, acceso por Hephestos no cimo do Ida, passa de

monte em monte, de promontorio em promontorio, flammeja no topo do Athos, « transpõe de um salto possante a garupa dos mares; paira, como sol, doirando os rochedos de Macista »; atea-se ás margens do Euripo; dardeja, « como a lua scintillante », atravez das planuras de Asopus; arde, turbilhoando, na grimpa do Epiglancto, e vence, inextinguivel, o golfo de Saronica, até desenhar-se resplendente aos olhos da atalaia inquieta dos Atridas. Assim o fanal de liberdade arvorado pelo grande iniciador na extrema occidental da Europa, ha mais de cem annos, se reproduz, crescendo, de reforma em reforma, de conquista em conquista, de esplendor em esplendor, de paiz em paiz, de geração em geração, até os nossos dias e as plagas de nossa terra. Sómente no alto do Arachnè, no ultimo posto, no mais visinho de Argos, onde as esperanças e os receios agitam as almas, não coruscou ainda « a chamma da boa nova », que as

sentinellas indefessas da idea annunciada anhelam cá de baixo.

Eis a obra do marquez de Pombal. Quem dirá, pois, que este nome não pertence ao patrimonio e á honra do genero humano?

De certo, não foi pela soberania do povo que elle trabalhou; e a destruição geral dos privilegios feudaes e clericas, a que se liga a sua memoria, não tendia directamente senão ao engrandecimento da coroa. Mas de democrata não era o seu papel, nem podia ser esse o caminho primitivo para a reacção contra a multiple tyrania que anniquilava o paiz. Não foi, pois, um operario da democracia, que era impossivel entre os seus contemporaneos; mas, concentrando no ministerio todas as prerogativas soberanas, realisou, pela primeira vez, naquelle paiz, o exemplo completo do poder ministerial governando em nome do rei. Sua missão não podia ser outra; e essa, entre as circum-

stancias de então, requeria faculdades estupendas, que ninguem, havia seculos, reunira alli com elle. Não comprehendeu a liberdade politica, que não estava de sasão em sua terra, e que para outras, mais felizes e educadas, só mais tarde amanheceu nas instituições. Mas a liberdade civil, a egualdade social e a fraternidade humana devem-lhe serviços, que o tempo, em vez de delir, avultará sempre.

Coube-lhe a insigne fortuna de servir sob um rei, sincero e perseverante, a quem não agradavam as normas, tão communs e tão faceis ás corôas, de dividir, e corromper, para imperar; sob um rei, cuja virtude, admiravel entre principes, cifrou-se no tino com que avaliou a capacidade do grande estadista, na firmeza com que soube confiar no seu genio, na isenção com que deixou exercer a soberania do Estado quem a podia dignificar. Camões, cuja inspiração fica sempre na sua altura,

quando se falla de Pombal, Camões diria:

« Escolheu bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrese. » (1)

Quando a noite eterna desceu sobre os olhos de d. José, o negrume da reacção começou a se adensar no horisonte portuguez. « A demencia, conselheira de opprobrio, origem fatal de todos os males », (2) era a inspiração do novo governo. A curia recebeu para logo o mimo de quarenta mil libras, em indemnisação das despezas com os roupetas expellidos do reino pelo marquez. A *Companhia* de Loyola, sem mais satisfações nem venia da corôa, voltou ao seu antigo ninho. Fechou-se o theatro lyrico, e fervilharam francos os conventos. A consciencia do rei e a da rainha pertenciam cada uma ao seu confessor. A nova soberana, infelizmente, não podia comprehender que não é possível, ao mesmo tempo, ser beata e regedora de Estados.

(1) *Luziad.*, VIII, VIII.

(2) ESCHYLÓ: *Agamemnon*.

Os Tavoras rehabilitaram-se por um simulacro de processo. O jesuitismo tripudiava.

E começou o supplicio de Pombal.

Depois da agonia do rei, a ingratiidão villã do cardeal Cunha. A demissão, solicitou-a o marquez; mas só se lhe concedeu afflictivamente retardada. Para lhe ladrar á honra, não faltaram dessas creaturas do lôdo, de quem, a proposito dos delatores na peste de Milão, dizia Manzoni que, « *diventando infami, rimanevano oscuri.* » A filha de d. José degradou-o a reu. Um processo mesquinho, accintoso, cruciante, um interrogatorio de quatro mezes, pregou-o enfermo, exaustão, desmaiado, quasi expirante muitas vezes, ao banco de accusado. A sua defeza, moderado e altivo documento do vigor de seu espirito e da sua probidade, cancellaram-lh'a, queimaram-lh'a solemnemente, por ordem real, com pena de prisãõ contra os advogados. Como condiçãõ de vida para o

quasi moribundo patriota, para o augusto desterrado, exigia a medicina uma viagem a Coimbra: recusou-se-lhe. Os sycophantas vozearam clamores de morte contra a sua cabeça; contrariou-se-lhes a sêde, mas apertando dia a dia os tractos moraes á nobre victima, até arrancarem ao torturado um gemido de misericordia, como o Santo Officio extorquirá a Galileu a retractação. Então baixou esse decreto innominavel, que só a irresponsabilidade mental pôde escusar, *perdoando*, em nome do governo portuguez, ao marquez de Pombal!

Esse acto era o sudario de um reinado, que passou por aquelle paiz como a longa sombra de um sonho mau pelas paredes de um claustro.

Descendo lentamente os olhos da eminencia daquelle vulto até á *justiça* absurda e impotente da tyrania que o pretendeu medir, e descoroar, acode-me, senhores, á mente um quadro de tempos, que só a sciencia pôde reviver: o da

morosa tartaruga terrestre, na idade longinqua dos mammiferos fosseis, arrastando-se aos pés do Himalaya.

Faz hoje um seculo que a morte o tomou no regaço, para o entregar á historia. Adormeceu tranquillamente, como o oceano passa do crepusculo á noite. Foi nos braços de sua familia, de quem soube ser pai estremecido e exemplar.

Um abuso de severidade, que entre os contemporaneos era pequenez, e entre alguns de hoje tem chegado a ser moda, nega-lhe sensibilidade e coração.

Senhores, a sua politica teve algumas vezes uma expressão de impiedade e fereza. Mas é á luz dos sentimentos e costumes do seculo XIX, que o havemos de sentencear? Para a insolente fidalguia da sua época a vida de um famulo ou de um plebeu não valia mais que um instante de colera, ou um movimento de despeito. Ante as doutrinas do fanatismo clerical, naquelles dias, a protecção das

leis á vida do hereje era um escandalo. O confessorio só não absolvía a resistencia contra a orgia mystica, contra a immoralidade sob as hediondas fórmas daquelle tempo. Ao grande ministro coube lutar contra esse acompadramento monstruoso. A clava que varre os estábulos de Augias, não o faz impunemente. Não se desvia sem violencia o curso do Alpheu. Nos tres primeiros quartéis do seculo XVIII não houve talvez governo, que não deixasse vestigios de maldade e de sangue. Vede esse grande Frederico II, que professava a humanidade e a philosophia; que fez do seu reino o asylo da liberdade religiosa. Liberal e philanthropo, elle praticava no exercito a crueldade mais brutal. Sua legislação militar era uma excepção truculenta á benignidade geral do seu governo. O açoite, pelos menores delictos, revestia-se de uma ferocidade tal, que o soldado prussiano olhava a morte como a menor das duas penas. E' que, «segundo

o principio dominante em toda a politica de Frederico, quanto maior fosse a dureza para com o exercito, tanto mais possivel era a bondade para com as outras classes » (1) Assim o marquez de Pombal acreditava sinceramente na necessidade de ser implacavel com o jesuitismo voraz e a fidalguia desprezivel, para apoiar no throno consolidado a sua alavanca egualista e libertadora.

Errarei? Mas, em todo o caso, não é pelas necessidades deste seculo que havemos de aquilatar as necessidades do seu. O mesmo escrupulo que nos inhibiria então de absolver, inhibe tambem de condemnar. A sciencia, estudando os volcões, ignora até hoje si a temperatura que, nas profundezas do abysmo, perpetua no estado de fusão as massas encandescentes, é a temperatura natural ao interior da terra, ou a resultante das reacções chimi-

(1) MACAULAY : *Frederic the Great. (Biographical essays. Tauschan. ed., pg. 36.)*

cas produzidas pelos phenomenos invisiveis. Da mesma sorte não seria facil discriminar precisamente nos erros daquella vida: o que é proprio á natureza do seu character, e o que provém da reacção das influencias estranhas sobre a sua individualidade. Comtudo, na maior parte, a acção necessitante do meio sobre elle é visivel; e tão grosseiro erro fôra não perceber entre o que toca a essa personalidade original elementos alheios, quanto confundir, nas vertentes do Vesuvio, as torrentes lodosas accumuladas, e precipitadas pelas tempestades exteriores com os productos eruptivos arremessados do intimo pelo foco impenetravel.

O que é certo, é que a petulancia da reacção não ousou julgar a Pombal. O decreto de 16 de Agosto não é uma sentença; é um subterfugio maligno, que pretende envolver sob a mercê o estygma. E' o indulto antes do julgamento

Por honra da corôa de Portugal, a

reparação não tardou muito, e com a magnificencia de uma apotheose. Mãos officiaes, que se não atreveram a affrontar o dia, tinham arrancado, em 1777, á estatua de d. José a effigie do ministro que o salvara de confundir-se com os seus predecessores. Sob Maria II, um decreto firmado por d. Pedro de Bragança verbera como « *ingratidão incrível* » o decreto que ultrajara o marquez de Pombal, e glorifica solemnemente em Sebastião José de Carvalho e Mello « *o portuguez que mais honrou a nação no seculo passado.* » (1) Em consequencia mandava restaurar no monumento a imagem bronzea do estadista, e ordenava que se lhe esculpisse «por baixo» a data de 12 de outubro de 1833. Doze de outubro era o anniversario natalicio de Pedro de Bragança, o Pedro IV de Portugal, o Pedro I do Brasil.

Eis uma acção verdadeiramente real!

(1) As palavras entre aspas são textuaes no decreto de 10 de outubro de 1833.

se é que a verdadeira e unica realeza está, como eu penso, na superioridade ás paixões ordinarias. Esse principe, que cingira duas corôas, comprehendeu que nada é mais nocivo á monarchia do que o regimen da injustiça e a predilecção pelas mediocridades; e quiz demonstrar á posteridade que tinha alma bastante para vingar contra os erros dos reis o merecimento e o patriotismo insultados. Comprehendeu que as culpas reaes, se escapam á punição dos contemporaneos, não evitam o látigo da historia; e não quiz para a sua dynastia a solidariedade n'um dos delictos mais graves contra a verdade que se têm perpetrado do alto dos thronos. Comprehendeu que, se o berço dá a purpura, não dá a immortalidade; e quiz mostrar que a data do nascimento de um principe não póde honrar-se melhor do que inscripta n'um monumento a um grande homem.

A «raça da aguia» (1) parecia extincta desde Camões na velha Lusitania. Pombal, porém, que era dessa estirpe, estendeu do Indo ao Paraguay a poderosa envergadura das suas azas. Imaginou realembrar na patria as antigas tradições de altivez, de força, de civilização. Acreditou que a excepção enorme de um genio fosse capaz de supprir a esgotada vitalidade de um povo. A patria, que não comprehendera o poeta, muito menos acompanhou o estadista, que lhe devassava o mundo novo da revolução, como o Gama lhe abria o hemispherio do Oriente. Mas esse nome, cuja soberania as selvas da America sentiram, como as syrtes do promontorio africano a audacia do Gama, e os mares da India as harmonias homericas de Camões, não se perderá. Por assim dizer, o poema humanitario do Portugal moderno compõe-se de tres personificações, de tres almas, de tres bronzes, de tres

(1) ÆSCHYLO: *As Chaphoras*.

cantos : o nauta, o epico, e este, o estadista: o martello do jesuitismo, o golpeador da escravidão, o *pionneer* da instrucção popular.

Acima das camadas atmosphericas, em cujo seio respira a nossa vida, alarga-se a immensidade azul superior, por onde se roçaga o manto cambiante da luz, de onde se despega a purpura e o oiro dos arreboes, onde a imagem da grande flôr luminosa da noite, a formosa magnolia celeste, descerra as suas petalas de prata. E' lá que abrem os olhos, e respiram as montanhas. Assim em torno da atmospherica commum das idéas de cada seculo, se superpoem umas ás outras as regiões mais altas do progresso humano. Para lá nos vai successivamente erguendo a evolução interior da especie. Mas ha entidades privilegiadas, saliencias audazes, que, infringindo as leis do alteamento gradual, deixam abaixo de si o ambiente contemporaneo, para elevar a fronte até á atmospherica de outra idade. Mais tarde, de uma eminencia superior, de um seculo

futuro, como nós do de hoje, o espectador verá fluctuarem pelas encostas do macisso granítico espessas agglomerações de trevas : é, no perfil do gigante, a secção que pertencia á sua epocha ; a outra, a do seu genio, a da sua vocação, arroja-se acima das nuvens, á região livre da luz, procurando o anil dos espaços sidéreos.

De lá é que o vulto do marquez de Pombal se projecta sobre o seculo XIX, sobre a humanidade, sobre esta segunda patria da lingua e da alma portugueza, para onde elle cogitara em transportar os penates da antiga gloria lusitana, sobre a solemnidade maravilhosa deste centenario, primeiro élo na cadeia de aclamações crescentes, que, por cima dos seculos, atravez das luctas e reacções obscurantistas, ha de levar a tua immortalidade, ó prodigioso reformador, até onde chegar a historia das duas nações que te coroam hoje aqui nesta fraternisação sublime!



ERRATA

| Paginas | Erros | Correcções |
|---------|--------------------------------------|--|
| 8 | atormenta | a tormenta |
| 25 | obederem | obedecerem |
| 27 | qualificaram | qualificavam |
| 29 | repdiadas | repudiadas |
| 31 | omnida | omnímoda |
| » | afferar | afferrar |
| 37 | celeste, sobre | celeste sobre |
| 40 | Nem esse phenomeno ainda começara | Mas esse phenomeno ainda não começara |
| 42 | istoirou | estoirou |
| 46 | civili-saçaõ | civilisação |
| 53 | levará conta | levar á conta |
| 54 | soboreando | saboreando |
| 63 | descripção | discreção |
| 72 | com elle | como elle |
| 80 | mãos officiaes | mãos officiaes |
| » | ordenara | ordenava |



50

charley

02/08-C15